

TEORIA DA FORMA - PONTO / LINHA / PLANO

LINGUAGEM VISUAL –

Sempre que projetamos, traçamos ou esboçamos algo, o conteúdo visual desta comunicação é composta por uma série de **Elementos Visuais**. Esses elementos constituem a substância básica daquilo que vemos. São muitos os pontos de vista a partir dos quais podemos analisar qualquer manifestação visual, mas um dos mais reveladores é decompô-la nos elementos que a constituem de forma que melhor possamos compreender o todo.

A linguagem visual constitui a base da criação do design. Há princípios, fundamentos ou conceitos, com relação à organização visual, que podem resolver situações problemáticas na realização de um projeto. O designer pode trabalhar sem esse conhecimento consciente, usando seu gosto pessoal e sensibilidade estética que são muito importantes, porém, uma compreensão dos fundamentos ampliará sua capacidade de organização, facilitando enormemente seu processo de criação.

Se quiséssemos refletir sobre o número de vocábulos suficientes para se formar uma **Linguagem Visual** poderíamos ter como resposta que os principais são basicamente: o ponto; a linha; o plano; o volume e a cor. Com tão poucos elementos básicos, e que nem sempre se apresentam em conjunto, forma-se toda a expressão visual na arte e no design na sua mais imensa variedade de técnicas e estilos.

Se compararmos a **Linguagem Visual** com a **Linguagem Escrita**, representada por letras e palavras, quantas necessitamos para contextualizar o entendimento de um simples parágrafo? Cabe lembrar que palavras e elementos visuais não são comparáveis em termos de igualdade. As palavras têm significado preestabelecido e os elementos visuais não têm. Eles não representam absolutamente nada se não estiverem inseridos em um contexto formal. E justamente por não determinarem nada isoladamente é que podem determinar tanto em conjunto.

Para melhor compreensão da **Linguagem Visual** é importante ressaltar alguns elementos que formarão a base do entendimento futuros. Esses elementos estão muito relacionados entre si. Vistos individualmente parecem abstratos, mas juntos, determinam a aparência e a qualidade do design de uma página. Podemos defini-los como:

ELEMENTOS CONCEITUAIS –

Um elemento conceitual, não é visível (o próprio nome já o define como conceito). Ele não existe na realidade, mas parece estar presente. Por exemplo: Sentimos a existência de um ponto no ângulo de um formato, sentimos que há uma linha marcando o contorno de um objeto ou que há planos envolvendo um volume. Esses pontos, linhas e planos não estão lá, pois se estivessem, deixariam de ser conceituais.

ELEMENTOS VISUAIS –

Os elementos visuais são sempre visíveis. Quando desenhamos um objeto numa superfície, usamos uma linha que é visível para representar uma linha que é conceitual. Suas características (comprimento, largura, textura ou cor) dependem do material utilizado ou da maneira de como o representamos. Os **elementos visuais** formam a parte mais proeminente da representação gráfica, pois são aquilo que podemos ver de fato.

ELEMENTOS RELACIONAIS –

Os elementos relacionais são exatamente os que governam a localização e inter-relação das formas em uma composição. Alguns parecem ser percebidos, como: **direção e posição**, e outros apenas são para serem sentidos, como: **espaço e profundidade**.

FORMA

Todo ato de perceber uma FORMA no mundo é um ato intelectual de destacar um significado. A FORMA é o oposto da insignificância, é a presença em si. Na Comunicação Visual, em especial, toda FORMA tem contorno e superfície, e é criada sobre algum tipo de suporte.

O contorno é o limite exterior da forma, uma espécie de fronteira entre o significado (FORMA) e o insignificante (FUNDO).

O SUPORTE é qualquer meio material onde se realiza a FORMA, podendo ser desde uma folha de papel, a tela de um computador ou o bloco de pedra onde se lavra uma escultura.

Conceitualmente, a FORMA é uma relação que permanece constante mesmo que mudem os elementos aos quais ela se aplica. Um triângulo pode ter vários tamanhos ou inúmeras formas, mas a triangularidade permanece constante, independente de suas características.

FIGURA E FUNDO

Uma FIGURA se destaca do fundo pela atenção que desperta no observador.

A FIGURA é o elemento que possui significado, enquanto o FUNDO é o pouco significativo. A atenção sobre a FIGURA ocorre pelas características próprias do objeto ou por características presentes no observador.

O contraste é o responsável pela distinção entre a FIGURA e o FUNDO. Contraste que pode ser formal, pela qualidade da superfície ou pelo significado da FIGURA.

A FIGURA possui algo formalmente diferente em relação ao contexto sobre o qual está colocada. Pode ser um formato diferente, uma cor, uma textura etc. Com relação ao observador, as motivações pessoais podem ajudar a destacar uma FIGURA em relação ao seu contexto.

Nem sempre as relações entre a FIGURA e o FUNDO são definidas. Pode-se perceber um espaço ora como FIGURA, ora como FUNDO.

MOVIMENTO

Por associação, temos a sensação de que as figuras que representam objetos animados do mundo real revelam disposição para o MOVIMENTO.

Em uma Comunicação Visual, dadas suas características formais, as figuras podem dar força à percepção em determinada direção dentro da composição.

As linhas curvas ou diagonais podem induzir maior sensação de movimento que as horizontais, assim como as cores quentes parecem avançar em direção ao observador enquanto as frias parecem recuar.

Toda a Comunicação Visual pode ser animada com o uso das características formais corretas. A ilusão de MOVIMENTO pode ocorrer quando há contraste entre uma FORMA e o CONTEXTO de onde ela parece ter se desprendido.

O PONTO – O início de tudo...

Para que possamos observar o simbolismo de uma estrutura gráfica é necessário começar pelo elemento mais simples que compõe a matéria, o PONTO.

O ponto é a unidade de comunicação visual mais simples e irreduzivelmente mínima. Quando fazemos uma marca, seja com tinta, com uma substância rígida como um bastão, pensamos nesse elemento visual como um ponto de referência ou um indicador de espaço.

Qualquer ponto possui um grande poder de atração visual sobre o olho, exista ele naturalmente ou tenha sido colocado pelo homem em resposta a um objetivo qualquer.

Como Elemento Conceitual, um ponto indica posição. Não tem comprimento nem largura. Pode representar o início e o fim de uma linha e está onde duas linhas se cruzam. Ele é um “ser vivo”. A unidade mínima da presença. Estamos muito acostumados a usá-lo na escrita, como agora, mas ele tem outras posições, além desta.

O **ponto** é a representação da partícula geométrica mínima da matéria e do ponto de vista simbólico, é considerado como elemento de origem.

Como Elemento Visual, o ponto possui formato, cor, tamanho e textura. Suas características principais são: Tamanho - devendo ser comparativamente pequeno, e o Formato - devendo ser razoavelmente simples.

Sua aplicação em uma representação visual pode também ser classificada em: **Adensamento** (a concentração de pontos para representar um determinado efeito) e **Rarefação** (o espaçamento entre eles, causando efeito contrário).

Como Elemento Relacional, a sua representação enquanto **Unidade de Forma** constituirá uma Textura.

Quando um conjunto de pontos é organizado de forma seqüencial, esses pontos se ligam, sendo, portanto, capazes de dirigir o olhar. Em grande número e justapostos, os pontos criam a ilusão de tom. A capacidade única que uma série de pontos tem de conduzir o olhar é intensificada pela maior proximidade dos pontos.



A LINHA RETA –

Quando em uma seqüência de pontos, eles estão muito próximos entre si de maneira que se torna impossível identifica-los como Unidade de Forma, isto é, individualmente, aumenta a sensação de direção, e a cadeia de pontos se transforma em outro elemento visual distintivo, a **linha**.

Como elemento conceitual, poderíamos definir a linha como um ponto em movimento, ou como a memória do deslocamento de um ponto, isto é, sua trajetória.

Como elemento visual, não só tem comprimento como largura. Sua cor e textura são determinadas pelos elementos que são utilizados para representá-la e pela maneira como é criada.

Por ser o desdobramento do elemento original (ponto), e por isso um subproduto dele, a linha pode ser entendida como elemento secundário da Linguagem Visual. Possui posição e direção. É limitada por pontos. Forma a borda de um plano.

Nas artes visuais, a linha tem, por sua própria natureza, uma enorme energia. Nunca é estática. É o elemento visual inquieto e inquiridor do esboço. Onde quer que seja utilizada, é o instrumento fundamental da pré-visualização, o meio de apresentar, de forma palpável, aquilo que ainda não existe, a não ser na imaginação. Dessa maneira contribui enormemente para o processo visual.

Simbolicamente, *“a linha reta está próxima ao território do intelecto. Ela manifesta a vontade e a força de configuração. A determinação e a ordem. Expressa o regular, o que a mente apreende. O mundo dos regulamentos, da disciplina, das leis, da vontade e da razão. É por isso que no limite de sua utilização, a linha reta manifesta a frieza de sentimento, a falta de fantasia e o enrijecimento”*.

As linhas retas têm três movimentos essenciais: HORIZONTAL, VERTICAL E DIAGONAL. Todas as outras são variações deste movimento.

A manifestação mais simples, que menos energia necessita para ocorrer é a **LINHA HORIZONTAL**. É nela que o homem relaxa, descansa e morre.

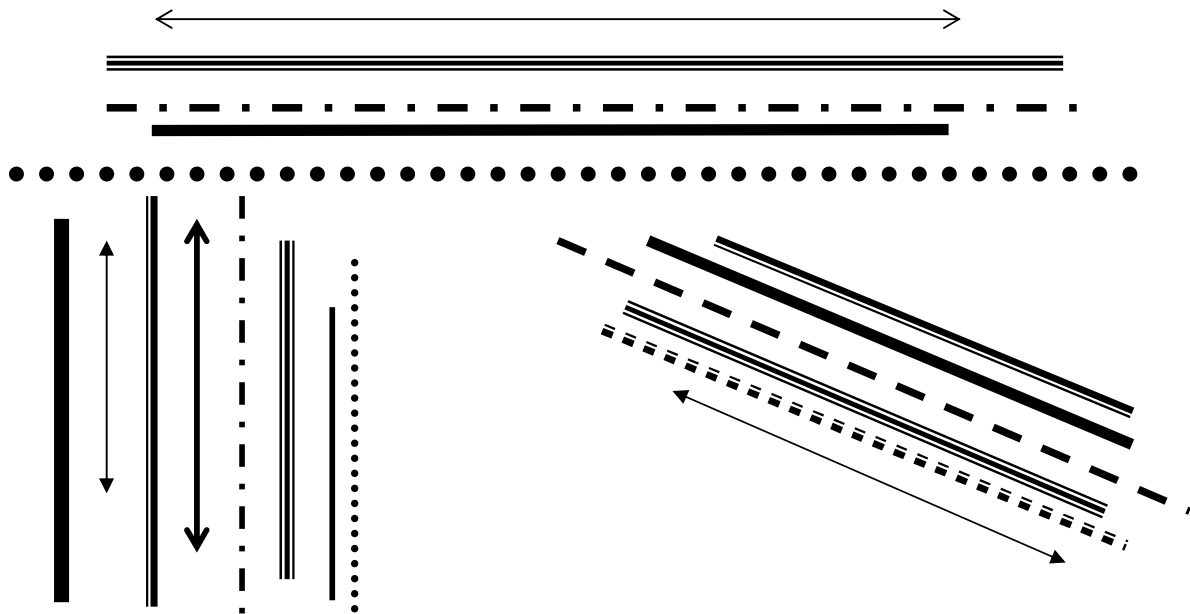
Completamente oposta a essa linha, temos A **LINHA VERTICAL**. O que era anteriormente plano, tornou-se altura. A energia que vai da profundidade ao infinito, ou vice versa.

A LINHA DIAGONAL é secundária em relação à horizontal e à vertical, pois é a síntese e união das duas.

Segundo Kandinsky, *“a linha diagonal é a forma mais concisa da infinidade de possibilidades dos movimentos. Por isso tem uma tensão interior maior do que as duas que lhe dão origem.”*

Já no caso de Mondrian, ele refere-se aos *“aspectos trágicos horizontalmente, estendendo-se o horizontal como plenitude até o infinito e o vertical como sendo o opressivo, o esmagador, e ele definitivamente estava procurando estruturas transversais que libertariam as pessoas dessas forças opressivas herdadas.”*

Um ponto pode ser posto para andar por uma força, e aí teremos a LINHA RETA. Ou se este mesmo ponto se movimenta por duas forças teremos a LINHA CURVA.



O ÂNGULO -

Quando **as linhas se quebram**, formam OS ÂNGULOS.

De acordo com Kandinsky, "**O ÂNGULO RETO** é o mais objetivo de todos, pois entre os agudos e os obtusos, é o único que existe em um só grau". **É o mais frio, estável e duro de todos.**

Nos **ÂNGULOS AGUDOS (fechados)**, percebemos uma forte tensão masculina. A sensação de incisão. O desejo de abrir-se, de desabrochar. Ele é energético e pleno de energia.

Sua aplicação dá reforço à sensação de movimento.

Nos **ÂNGULOS OBTUSOS (abertos)**, contrariamente aos primeiros, essa tensão já foi resolvida. Há uma entrega de quem já se abriu. É um ângulo acolhedor e feminino. É passivo e relaxado.



A LINHA CURVA –

Quando duas forças exercem pressão simultânea sobre um ponto, sendo uma delas contínua e predominante, surge a **LINHA CURVA**.

As **linhas curvas** dominam o território dos sentimentos, da suavidade, da flexibilidade e do feminino.

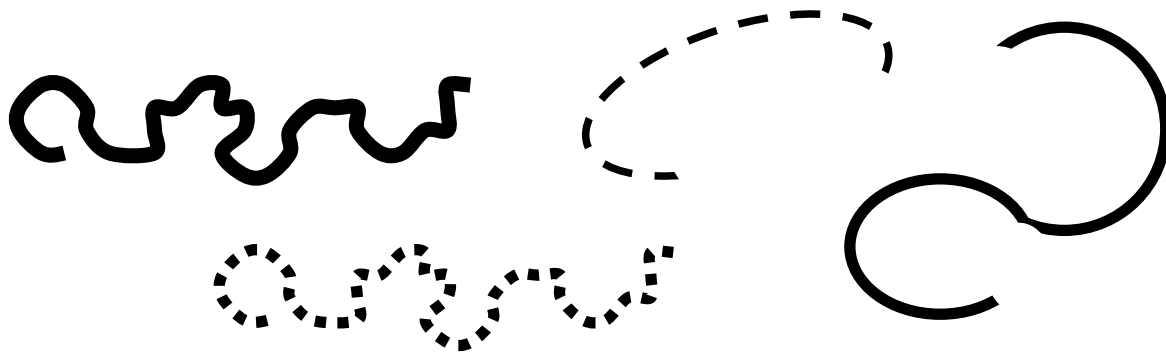
O **redondo, o curvilíneo, o ondulante**, encontram-se em oposição ao caráter racionalizante da **linha reta e angulosa**, que focaliza a vontade e o controle.

Quanto maior é essa pressão lateral e contínua exercida sobre a linha, esta se desvia cada vez mais até fechar-se em si mesma, formando um círculo.

Essa pressão lateral contínua faz com que ela não quebre, se transformando em **ARCO**.

Não há ângulo, surgindo assim, uma forma suave e madura, que possui em si uma autoconsciência por voltar-se para si mesma.

Para a **linha reta**, impulsiva, não há começo nem fim, é um caminho eterno, em uma única direção e sem retorno. Para a **linha curva**, flexível, há a possibilidade de encontrar-se com o seu começo, gerando um círculo, que é a representação do todo.



O PLANO –

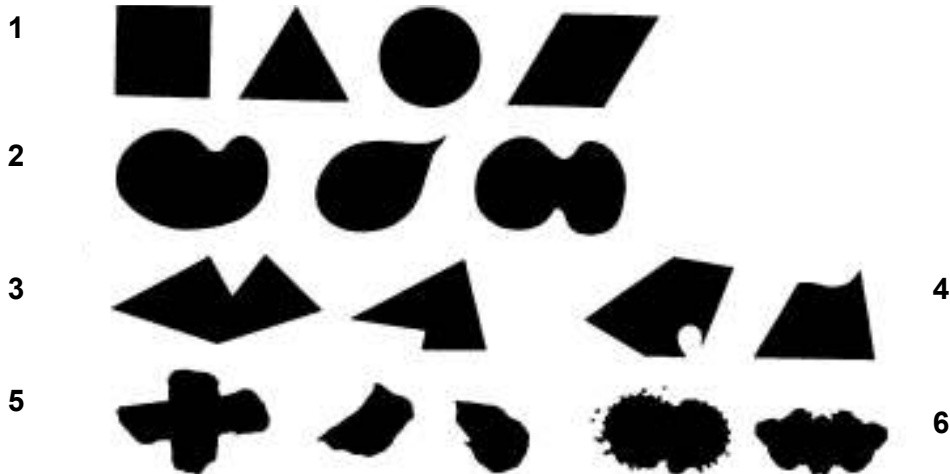
Conceitualmente, a trajetória de uma linha em movimento, (em outra que não seja sua direção intrínseca) se torna um plano.

Como elemento visual, possui comprimento e largura, tem posição e direção, é limitado por linhas e define os limites extremos de um volume.

Em uma superfície bidimensional, todas as formas planas que não são comumente reconhecidas como pontos ou linhas, são formas enquanto plano.

As formas planas possuem uma variedade de formatos que podem ser classificados como:

- 1 - **Planos Geométricos** – Constituídos matematicamente.
- 2 - **Planos Orgânicos** – Limitados por curvas livres, sugerindo fluidez e crescimento.
- 3 - **Planos Retilíneos** – Limitados por linhas retas que não se relacionam umas com as outras matematicamente.
- 4 - **Planos Irregulares** – Limitados por linhas retas e curvas que também não se relacionam umas às outras matematicamente.
- 5 - **Planos Caligráficos** – Criados sem auxílio de instrumentos, composto por linhas orgânicas.
- 6 - **Planos Acidentais** – Determinado pelo efeito de processos especiais ou obtidos ocasionalmente.



AS PRINCIPAIS FORMAS BÁSICAS –

As formas geométricas básicas, que podem gerar todas as outras mediante variações dos seus componentes, são as três já conhecidas como a Trilogia do Design: **o quadrado, o círculo e o triângulo**.

Cada uma dessas formas nasce de maneira diferente, tem medidas internas próprias e comporta-se de modos diversos ao ser explorada.

As montagens com certo número de formas geram grupos de formas com novas características, ocasionam efeitos de: negativo / positivo; dupla imagem; imagens ambíguas; figuras impossíveis. E ainda, encontraremos fenômenos como: decomposição, recomposição; ritmos visuais e, dentre tantas outras, formas que já possuem em si uma indicação de direção e de movimento.

UMA ANÁLISE SOBRE AS DUAS POLARIDADES: O QUADRADO E O CÍRCULO –

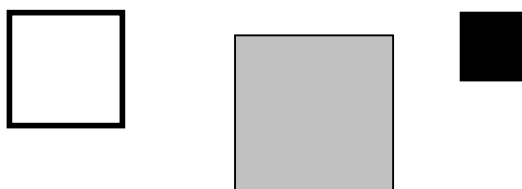
O Quadrado -

Do mesmo modo como o ângulo reto é o ângulo mais objetivo, o quadrado é também a forma geométrica mais simples e objetiva. Formado por duas linhas horizontais e duas verticais, que se encontram em quatro ângulos retos, o quadrado representa o símbolo da terra – do universo criado e da matéria. É a antítese do transcendente. Anti-dinâmico por excelência, já que seu formato o impede de movimentar-se com facilidade. É destinado a ser estável e limitado.

Associado ao número quatro, o quadrado também é o símbolo do mundo estabilizado. Daí sua identificação com o poder e o domínio, o controle e a força. Muitos espaços repousam sobre a forma quadrada: Templos, cidades, indústrias, presídios, campos militares etc. É a forma da inteligência, da razão e da capacidade de definir, dissecar, digitalizar. Representa ainda a fixação e a permanência.

É interessante notar que as notas de dinheiro são quadrangulares, bem com a maioria das portas e janelas, estando diretamente vinculados a idéia de força e de poder, divisão, fronteirização, controle e vontade racional.

O quadrado é a figura de base do espaço, e representa o tempo enquanto oposto à eternidade. Se o quadrado tem quatro lados, a terra tem quatro direções, o homem tem quatro membros, os instrumentos de orientação têm quatro pontos cardeais.



O Círculo -

Assim como já vimos, no caso da linha curva, que é resultado de duas forças que exercem pressão lateral e simultânea sobre o ponto, sendo uma delas contínua e preponderante. Quanto maior for essa pressão lateral, a linha se arqueia cada vez mais até o ponto limite de fechar-se sobre si mesma gerando o círculo. Quando isso ocorre, fim e começo se fundem, com toda sua efemeridade e solidez. A imagem do Uno, do todo. A serpente que morde a própria cauda simbolizando o ciclo da evolução. Movimento, continuidade, autofecundação, eterno retorno da manifestação ao interior de sua origem. Autoconhecimento e meditação sobre si próprio, seus atos e desejos.

É neste sentido que o traço curvo realiza-se em si mesmo. Enquanto a linha reta expressa uma tendência desejada e consciente em direção a uma meta, o que a faz também, exacerbada, sair de si.

Para Kandinsky

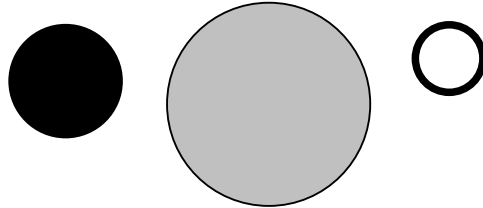
“assim se produz a estrela das linhas retas, organizadas em torno de um núcleo comum. Esta estrada pode tornar-se cada vez mais densa de modo a que as interseções criem um centro mais cerrado no qual um ponto possa se formar e desenvolver. Ele é o eixo em volta do qual as linhas podem organizar-se e finalmente confundir-se – uma nova forma nasceu, uma superfície sob a forma definida de círculo.”

Ou seja, o círculo é resultante da densificação total do campo de rotação da estrela de linhas. Como diz uma frase de Francis Picabia:

“Nossa cabeça é redonda para permitir aos pensamentos, mudar de direção”.

Seria cansativo levantar aqui a infinidade de estudos e citações sobre a presença do círculo nas diversas culturas, como os indígenas das Américas, os hebreus, os celtas, etc. Mas vale ressaltar ainda que na tradição islâmica a forma circular é considerada como a mais perfeita de todas. É por isso que seus poetas afirmam que:

“o círculo formado pela boca aberta é a mais bela das formas, por ser ela completamente redonda. É por ela que sai o verbo, indispensável ao homem para ser humano, já que é desprogramado e precisa se re-descobrir no ato de saber e fazer ser.”



FORMAS POSITIVAS E NEGATIVAS -

A forma é geralmente apresentada como que ocupando o espaço, mas também pode ser vista como um espaço vazio circundado por espaço ocupado.

Quando é preenchida como ocupando um espaço, a chamamos **forma positiva**.

Quando é preenchida como um espaço vazio, circundado por espaço ocupado, a chamamos de **forma negativa**.

No design em branco e preto, tendemos a considerar o **preto** como forma positiva (ocupada) e o **branco** como negativa (não ocupada). Porém, tais conceitos não são sempre verdadeiros. Quando as formas do design se interpenetram ou se interseccionam não mais se distingue negativo e positivo.

As formas, sejam positivas ou negativas são, geralmente entendidas como um **FORMATO**, que se encontra sobre um **FUNDO**. Em casos ambíguos a relação figura-fundo pode ser reversível.



INTER – RELAÇÃO ENTRE FORMAS -

As formas podem ser organizadas de infinitas maneiras. E dependendo dessa organização, o efeito espacial é alterado, criando, assim, novos resultados.

As principais formas de inter – relação são oito:

a - Separação –

As duas formas permanecem separadas uma da outra.

Efeito Espacial - Ambas as formas podem parecer equidistantes do olhar ou uma mais próxima e a outra mais distante, dependendo do tamanho ou da cor aplicada.

b - Contato –

Se aproximarmos as duas formas, estas começam a se tocar. O espaço contínuo que as mantém separadas é então rompido.

Efeito espacial – No contato, a situação espacial das duas formas também é flexível, como na separação. A cor desempenha um papel importante na determinação da situação espacial.

c - Superposição -

Se aproximarmos ainda mais as duas formas, uma cruza a outra e parece estar sobre ela, cobrindo uma porção da forma que parece estar por baixo.

Efeito espacial – É evidente que neste caso, percebe-se que uma forma se encontra na frente ou sobre a outra.

d - Interpenetração –

O mesmo que na superposição, sendo que ambas as formas parecem transparentes.

Efeito espacial – Neste caso, a situação espacial é um pouco vaga, porém, é possível colocar uma forma sobre a outra pela manipulação das cores.

e - União –

O mesmo que na Superposição, porém, as duas formas são unidas e se tornam uma forma nova. Ambas perdem uma parte de seus contornos quando estão em união.

Efeito espacial – Na união, em geral as formas parecem equidistantes do olhar porque se tornam uma forma nova.

f - Subtração –

Quando uma forma invisível cruza uma visível, o resultado é a subtração. A porção da forma visível que coberta pela invisível também se torna invisível. A subtração pode ser considerada como a superposição de uma forma negativa em uma positiva.

Efeito espacial – Na subtração, assim como na interpenetração, deparamos com uma nova forma. Nenhuma variação espacial se faz possível.

g - Interseção –

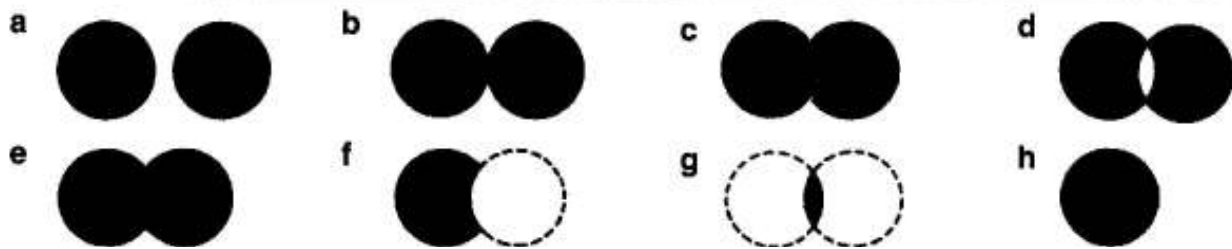
O mesmo que na interpenetração, mas somente a parte onde as duas formas se cruzam é visível. Uma forma menor emerge como resultado da interseção.

Efeito espacial – A interseção pode não nos remeter as formas originais a partir das quais foi criada.

h - Coincidência –

Se aproximamos ainda mais as duas formas, elas coincidem, as duas formas tornam-se uma só.

Efeito espacial – Na coincidência, percebemos somente uma forma, caso as duas formas sejam idênticas, se não forem idênticas poderá ocorrer os efeitos espaciais citados nos casos acima, como superposição, interpenetração, união etc.



UNIDADE DE FORMA -

Quando o design é composto por um número de formas, aquelas que tem formatos idênticos ou semelhantes constituem a **unidade de forma**, que deve aparecer mais de uma vez no desenho.

A presença da **unidade de forma** ajuda a unificar uma composição. Devem ser simples, pois quando muito complexas tendem a sobressair mais como formas individuais podendo destruir o efeito de unidade.

PARA QUEM QUER SABER MAIS SOBRE FORMA

Ao analisarmos a *Linguagem Visual*, devemos ter sempre em mente que a interação da forma e conteúdo é um problema vital no design.

Desde Aristóteles que muitos filósofos e teóricos da arte consideram “a forma como o componente essencial da arte e o conteúdo como componente secundário”.

A forma pura, segundo eles, é a quintessência da realidade: “Toda matéria é impelida pela necessidade de dissolver-se ao máximo na forma e, desse modo alcançar a perfeição”. Nesse pensamento, tudo se compõe de matéria e forma, logo, quanto mais a forma predominar, tanto maior será a perfeição.

A forma é vista na “idéia” de Platão, como “algo primário e original que reabsorve a matéria”. Este é um princípio ordenador de que ela reina absoluta sobre a matéria.

Já a filosofia de São Tomás de Aquino, desenvolve semelhante visão sustentando a idéia de “uma ordem metafísica reinando sobre o mundo”. Em sua concepção, “a ordem pressupõe a finalidade. E a idéia de ordem implica um princípio final. Todos os seres são impelidos para uma meta final, havendo no interior de cada ser, uma ânsia de perfeição. Tal perfeição é dada as coisas do mundo como potencialidade intrínseca e é de natureza de tudo o que é potencial o ato de pressionar para tornar-se ação ou fato”. Logo, o imperfeito precisa ser ativo para atingir a perfeição.

Sendo a forma a ação de cada todo material, ela torna-se o princípio da criação . “Todo ser alcança, dentro da ordem das coisas existentes, seu máximo de perfeição”.

Vimos, nessa abordagem filosófica, que a causa formal é idêntica a causa final, onde a forma é o encaminhamento em direção a uma meta, logo, a forma é finalidade e torna-se “a fonte original da perfeição”. Por isso a forma identifica-se como a essência das coisas e a matéria é reduzida a um papel secundário.

Se a forma é quem dita as leis da natureza, é claro que tem que ser reconhecida como elemento decisivo na arte e no design.

Observando a forma na própria natureza podemos citar como um “brilhante” exemplo: os cristais - que são considerados “possuidores da mais perfeita forma em toda a natureza inorgânica”.

Olhando para as formas maravilhosamente ordenadas do cristal e contemplando sua fascinante regularidade encontramos, ainda, uma incrível simetria.

Há outra explicação para ela que não a da misteriosa “busca da perfeição formal” que não seja a do princípio ordenador metafísico?

A partir daí podemos concluir que “os vetores geométricos buscam exprimir relações naturais” e o que chamamos de simetria é precisamente isso: “Uma série de intervalos regulares, isto é, determinadas relações específicas entre a formas e o espaço”. E o que chamamos de forma é “o relativo estado de equilíbrio de uma determinada organização numa determinada disposição da matéria, é a expressão da tendência fundamental conservadora e da estabilização temporária de condições materiais.”

A forma é “a manifestação de um estado de equilíbrio alcançado em um determinado momento, e as características imantes ao conteúdo são o movimento e a transformação”.

Podemos portanto, embora constituindo uma grande simplificação, definir “a forma como conservadora e o conteúdo como revolucionário”.

Sempre, a forma, a estrutura ou organização ferida, oferece resistência ao novo, e em todas as partes. O conteúdo novo rompe os limites estabelecidos pelas formas velhas criando, assim, formas novas.

Podemos citar como exemplo a forma dos “organismos vivos” que é sempre mutável. A formação de uma planta é o conjunto de mudanças de forma. Logo, “a forma - aquilo que persiste em um estado de equilíbrio relativamente estável - está sempre sujeita a ser destruída pelo movimento e pela mudança de conteúdo”.

(Este texto é a adaptação de um capítulo do livro:

A Necessidade da Arte, de Ernest Fisher.

Tradução – Leandro Kondel.

Ed. Guanabara. 9ª edição. (1987)